

Para além da coesão textual apenas como elos coesivos

Beyond the textual cohesion only as cohesive links

José Olavo da Silva Garantizado Júnior

Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza-CE – Brasil
garantizadojunior@gmail.com

Mônica Magalhães Cavalcante

Doutora em Linguística. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-Ce – Brasil.
monicamc02@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo (re)discutir as noções de coerência e de coesão que não dependam exclusivamente de propriedades inerentes à organização dos elementos no contexto, mas, sim, de um contexto sociocultural mais amplo, o que inclui uma série de atividades interpretativas dos coenunciadores. Para isso, inicialmente, apresentaremos os conceitos de linguagem, de língua, de texto e de textualidade a partir da visão sociointeracionista (KOCH, 2009c; GARANTIZADO JÚNIOR, 2011, CAVALCANTE, 2011). (Re)discutimos os critérios de coerência e coesão propostos por vários teóricos da Linguística de Texto (HALLIDAY; HASAN, 1976; BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981; CHAROLLES, 1978; COSTA VAL, 2006), destacando a maneira como todas as abordagens entenderam tais fenômenos para, em seguida, confrontarmos-las com a perspectiva teórica apresentada por Cavalcante (2011) e sustentada por nós (GARANTIZADO JÚNIOR, 2011). Assumimos a coerência e a coesão como um par inseparável (coerência/coesão), algo que não pode ser visto de maneira dissociável, pois caminham juntas; a coesão não está relacionada apenas ao que é de natureza interna do texto (aos mecanismos interiores do texto que, em outras pesquisas, seriam atribuídos somente à coesão e à “coerência” semântica), mas, sim, também a fatores de natureza pragmática, cognitiva e sociointeracional.

Palavras-chave: Coerência/Coesão; Fatores de Textualidade; Linguística de Texto.

Abstract: This paper aims to (re) discuss the notions of coherence and cohesion which are not exclusively related to the organization of the elements in the context properties, but rather a broader sociocultural context, which includes a series of interpretive activities of coenunciators. We assume the coherence and cohesion as an inseparable pair (coherence / cohesion), something that cannot be seen in a separable way, because go together; cohesion is not only related to what is internal to the text (the inner workings of the text, in other studies, would be awarded only to cohesion and “consistency” semantics), but rather also of pragmatic factors, cognitive and sociointeracional.

Key words: Coherence/Cohesion; Factors Textuality; Text Linguistics.

1 Os conceitos de texto, língua, linguagem e textualidade

Os conceitos de linguagem, de língua e de texto são basilares para qualquer tipo de trabalho que tenha como objetivo analisar algum fenômeno da linguagem. Sabe-se que esses conceitos são definidos variando conforme a perspectiva teórica na qual o pesquisador se insere. Por conta disso, preferimos entender *a linguagem como uma forma de interação*. Essa preferência teórica se dá por a vermos como um trabalho coletivo, uma ação orientada com determinada finalidade específica que pode ser realizada em diversificadas práticas sociais existentes nos vários momentos da história, ou seja, ela seria um local onde ocorrem as práticas sociais em que os falantes atuam como sujeitos, e estes ocupam um papel primordial, pois são ativos. A opção de considerar a linguagem como um lugar de interação nos fez entender a língua como uma atividade interativa, social e mental, que estrutura nosso comportamento e permite que nosso conhecimento seja estruturado.

Defendemos um conceito de texto como uma unidade funcional de natureza discursiva que opera basicamente em determinados contextos comunicativos, sendo, pois, um determinado ato comunicativo unificado em um complexo universo de ações humanas interativas e colaborativas, no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais.

É salutar falar que essa concepção de texto como um ato comunicativo interativo foi propiciada com o desenvolvimento de novas perspectivas teóricas na Linguística de Texto (LT), principalmente no final da década de setenta do século XX, quando o foco da LT, que estava centrada nos estudos acerca da competência textual dos falantes (MARCUSCHI, 1998), passa para uma nova fase teórico-metodológica, cujo enfoque passa a ser na noção de *textualidade*, estabelecida por Beaugrande e Dressler (1981).

Beaugrande e Dressler (1981) propuseram que havia sete *fatores de textualidade*, sendo que uns estavam diretamente ligados aos fatores de ordem pragmática no processo sociocomunicativo (a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade); outros estavam ligados ao material conceitual e linguístico do texto (a coerência e a coesão). Vale salientar que os fatores mencionados, segundo os autores, não seriam característicos de um texto, mas condições necessárias para a produção e para a compreensão dele.

Importante deixar claro que, quando os autores nos propuseram os fatores de textualidade, a intenção deles não foi a de apresentar regras de boa formação de um texto, mas sim determinados critérios de acesso à produção de sentido. Como explica Marcuschi (2008, p. 97, grifos nosso),

[...] é bom frisar de modo enfático que o uso da expressão ‘critério’, ao invés da expressão ‘princípio’ para a noção de ‘critérios de textualidade’, deve-se ao fato de não se admitir que esses aspectos da textualidade funcionem como ‘leis’ linguísticas, já que são apenas critérios que no caso de sua ausência, não impedem que tenha um texto. O texto, quando considerado como unidade, é uma unidade de sentido e não unidade linguística.

Dessa maneira, a textualidade ou textura seria o que faz com que uma dada sequência linguística constitua um texto. A tentativa de se determinar os principais critérios que poderiam fazer com que um texto fosse entendido como tal fez com que houvesse uma verdadeira mudança nos estudos de Linguística de Texto, propiciando uma maior preocupação com o que se convencionou chamar de textualidade.

A definição da textualidade e de quais critérios seriam mais relevantes quando se quer determiná-la é uma das questões com maior indefinição nos estudos da Linguística de Texto. Essa indefinição continuou até, mais ou menos, o final dos anos oitenta e início dos anos noventa do século XX, quando se definiram a coerência e a coesão como os principais fatores de textualidade, mas agora vistos sob uma perspectiva mais cognitiva e sociointeracionista. Em trabalhos mais recentes (KOCH; TRAVAGLIA, 2008; CAVALCANTE, 2011; GARANTIZADO JÚNIOR, 2011), entende-se que a coerência subsume os demais critérios e torna-se um dos conceitos mais nucleares nos trabalhos de Linguística de Texto (LT) no que tange à própria noção de texto. Por isso, na próxima seção, apresentaremos as principais concepções de coerência textual sustentadas por alguns teóricos da LT.

2 A coerência e a coesão: as várias concepções existentes

Uma dos primeiros trabalhos sobre a definição da coerência e da coesão foi o de Halliday e Hasan (1976). Na proposta desses autores, é a coesão que propicia a

tessitura de texto, sendo que ela se constitui por uma série de critérios semântico-discursivos; ela se estabelece sempre que se busca entender um elemento do discurso a partir de outro elemento. Ela se constitui a partir de *relações de sentido*, e é por essa razão que, para os autores, ela representa uma condição necessária para a configuração da textualidade.

Na verdade, a coesão é entendida como um conjunto de traços que caracterizam o texto quanto ao modo como ele está construído como edifício semântico. Ela, dessa maneira, constitui complemento indispensável à articulação explícita dos sentidos essenciais do texto, cumprindo uma espécie de função de catálise em relação aos outros componentes do sistema. Para eles, a coesão é realizada por recursos linguísticos, manifestados explicitamente na imanência do texto; tais recursos assumem um caráter eminentemente relacionador, assegurando a continuidade semântica entre os enunciados. Atente-se para a preocupação com aspectos semântico-formais da textura.

Na proposta de Beaugrande e Dressler (1981), a coerência está diretamente relacionada com a *continuidade de sentidos* que se faz presente em um texto, mas já inclui conhecimentos compartilhados. A visão desses autores é de que a coerência seria o resultado da atualização de significados, responsáveis pela configuração direta dos sentidos que emanam de um texto, mas tais sentidos só se efetivariam com a interveniência de complexos processos cognitivos que são operantes entre os usuários e não são somente traços do texto.

A base da coerência textual, na proposta de Beaugrande e Dressler (1981), centra-se no fato de termos a continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados diretamente por uma série de expressões linguísticas ao longo do texto e que, de certa forma, devem ser percebidas no momento da codificação (produção) e no momento da decodificação (compreensão). Isso se dá porque, na concepção desses estudiosos, a coerência é compreendida como o *fator fundamental da textualidade*, por ela ser responsável pelos sentidos existentes no texto. Entender o fenômeno da coerência dessa maneira, a nosso ver, reforça a ideia de que a proposta de Beaugrande e Dressler (1981) termina por se concentrar na unidade semântica, apesar de considerar aspectos de ordem cognitiva e pragmática. Eis por que só a assumimos parcialmente nesta pesquisa. Outra concepção também fundada em traços de ordem mais semântica que cognitiva e pragmática é a de Charolles.

Charolles (1978) propõe as “metarregras” de coerência (repetição, progressão, não contradição e relação), que seriam um artifício encontrado pelo autor para tentar fazer uma articulação dos principais elementos de ordem formal do texto com os elementos de ordem semântica, considerando-se também o contexto situacional em que o texto está devidamente inserido. Para ele, a repetição seria a necessidade de retomar elementos no decorrer do discurso; a progressão se daria a partir da soma de ideias novas às que já vinham sendo abordadas; a não contradição seria um importante critério pelo qual o texto não pode se contradizer, e as informações devem ser, pois, compatíveis entre si, não só no que trazem explicitamente, como também no que delas se pode concluir por pressuposição ou inferência. Por último, a relação seria a permanência da *congruência* quando um fato for uma causa, condição ou consequência pertinente do outro, e essas relações não precisam ser necessariamente explicitadas por mecanismos linguísticos formais.

Costa Val (2006) dá uma nova roupagem para a nomenclatura proposta por Charolles (1978) a dois desses fatores: a repetição, que a autora chama de *continuidade*, e a relação, que chama de *articulação*. Costa Val (2006) conceitua a continuidade como a necessária “retomada de elementos no decorrer do discurso” (COSTA VAL, 2006, p. 21); ela vê a *progressão* como a relação existente entre o *tópico/comentário* e/ou articulação entre o *tema/rema*, ou seja, seria a retomada de seus principais elementos conceituais e formais, sem se limitar a essas repetições, devendo, então, apresentar novas informações. Já a não contradição diz respeito à compatibilidade entre informações, pois o produtor do texto deve respeitar certas exigências do quadro enunciativo instaurado, tais como o modo como o discurso está funcionando, no que respeita aos processos de modalização e de controle da argumentação textual e ao encadeamento temporal das informações. Por último, a articulação se refere à maneira como os fatos e conceitos apresentados no texto se encadeiam, como se organizam, que papéis exercem uns com relação aos outros.

A proposta de Costa Val (2006) é bastante próxima da de Charolles (1978), embora a autora enfatize o grau de informatividade como condição para a progressão textual. Para tratar de informatividade, Costa Val (2006) recorre também a Beaugrande e Dressler (1981), de modo que poderíamos afirmar que a análise da autora congrega as duas abordagens da tessitura textual.

Cientes de todas essas maneiras de abordar o fenômeno da coerência e o da coesão textual, na próxima seção focalizaremos uma nova maneira de ver esses fenômenos a partir de estudos mais recentes em Linguística de Texto, sobretudo no que tange à referenciação e a outras noções que ela perpassa.

Diferentemente da coerência, a noção de coesão sempre foi pensada na Linguística Textual como um fator de textualidade reconhecível por marcas linguisticamente explicitáveis – é contra essa visão que nos insurgimos aqui. Não levaria, pois, em conta informações extratextuais, uma vez que isso conduziria a análises intuitivas. Halliday (1984) descreveu esses elementos coesivos como pronomes manifestados ou elípticos, itens sinônimos e nomes gerais – responsáveis pela correferencialidade –, e como itens lexicais outros, que não seriam correferenciais, mas coextensionais.

A referência, por exemplo, quando restrita aos parâmetros da coesão textual, se reduz a uma relação identificadora entre certos esses itens gramaticais e lexicais e outros itens encontráveis no cotexto. Para Hasan (1985), essa relação se efetivaria por “mecanismos implícitos”, ou seja, a ligação entre esses itens e seus antecedentes só poderia ser realizada no/pelo ambiente linguístico.

Assim, embora se pautem por relações de sentido, a coesão concebida por Halliday e Hasan (1976) é, no fundo, condicionada aos elos formais explicitados no cotexto para tecer uma rede semântica do texto. Apesar de definirem coesão segundo um princípio de dependência semântica, Halliday e Hasan terminam descrevendo o fenômeno como um conjunto de recursos linguísticos que criam tessitura e permitem diferenciar um texto de uma mera sequência de frases. Reconhecer a tessitura de um texto é, para os autores, cumprir uma das funções que comporiam o sistema linguístico: a função *textual*. A ela se vinculariam duas outras funções da linguagem: a *ideacional* e a *interpessoal*.

Neste artigo, defendemos que a coesão não se circunscreve a aspectos formais da articulação de enunciados, o que, nas palavras de Fonseca (1992, p.26), apenas garantiria “[. . .] a boa formação semântico-sintática do transfrástico”. Por isso, o autor propõe, e com ele fazemos coro, que a concepção de coesão seja de tal modo elasticada que ela passe a se conjugar com a própria noção de coerência:

É também de Fonseca (1992, p. 28-29) a conclusão que retemos como pressuposto para este trabalho:

Na noção de coesão a adotar neste estudo, tentarei integrar as dimensões centrais focadas por Halliday-Hasan com outras fortemente operantes na configuração da unidade e da continuidade semânticas do texto, cuja caracterização requer, iniludivelmente a consideração das coordenadas da enunciação, logo, uma óptica pragmático-comunicativa, que necessariamente se desligará da estrita sintagmática imanente desta unidade linguística – ou melhor, a penetrará à luz daquelas dimensões.

Para a configuração clara da noção de coesão anunciada, interessará caracterizar antes o que, particularmente no âmbito da chamada Linguística de Texto, vem sendo apresentado como a grande dimensão definidora do texto, a saber a sua coerência.

3 Da coerência e coesão para a coerência/coesão

Como foi mostrado na seção anterior, vários foram os autores que se debruçaram sobre a análise do que faz com que um texto seja um texto e, conseqüentemente, sobre a análise dos fatores de textualidade, sobretudo a coerência.

A coerência, dessa forma, por ser responsável pela configuração do sentido textual, é considerada como fator fundamental para um texto. Após os vários estudos que tomam o texto não como um produto acabado e pronto, mas, sim, como um processo que só ganhará sentido no momento da interação, em especial nas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos em Linguística Prototexto (UFC), observou-se que definir o que faz com que um texto seja dotado de sentido tornou-se tarefa árdua e instigante para vários pesquisadores (HALLIDAY; HASAN, 1976; BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981; CHAROLLES, 1978; KOCH, 2004; COSTA VAL, 2006; CAVALCANTE, 2011). No Brasil, esse percurso pelo qual passou a Linguística Textual repercutiu principalmente nos trabalhos de Marcuschi e de Koch, como se pode conferir nos seguintes trechos:

As exposições até aqui [...] agora pedem uma concepção de texto que não o veja como um mero artefato linguístico transparente, unívoco e que funcione por si mesmo. Muito menos que seja

apenas uma unidade semântica portadora de informações linguisticamente codificadas. Para tanto, adoto a noção de texto tal como proposta por Beaugrande (1997, p.10) quando diz:

“É essencial que se veja o texto como um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e comunicativas e não simplesmente como a sequência de palavras escritas ou faladas.” (MARCUSCHI, 1998, p. 11).

A partir desse momento, com o desenvolvimento cada vez maior das investigações na área de cognição, as questões relativas ao processamento do texto, em termos de produção e compreensão, às formas de representação do conhecimento na memória, à ativação de tais sistemas de conhecimento por ocasião do processamento, às estratégias sociocognitivas e interacionais nele envolvidas, entre muitas outras, passaram a ocupar o centro dos interesses de diversos estudiosos do campo (KOCH, 2002, p.2).

Foram principalmente esses estudos que, respaldando nossas concepções, permitiram-nos advogar em favor de um ponto de vista que segue as tendências sociocognitivas e discursivas das análises textuais de hoje. Pensamos que os fenômenos da coerência e da coesão não estão relacionados apenas ao que é de natureza interna do texto (aos mecanismos interiores do texto que, em outras pesquisas, seriam atribuídas somente à coesão e à coerência semântica), mas, sim, também a fatores de natureza pragmática, cognitiva e sociointeracional. Essa congruência de fatores, que acabam por não distinguir entre o que é eminentemente intra e extralinguístico, leva-nos a propor o par indissociável coerência/coesão. Como dissemos em trabalho anterior:

[...] partimos [...] de uma noção de texto como fenômeno comunicativo, o que supõe uma visão de **coerência/coesão** e de **textualidade** que não depende exclusivamente de propriedades inerentes à organização dos elementos no cotexto, mas, sim, de um contexto sociocultural mais amplo, o que inclui uma série de atividades interpretativas dos coenunciadores (CAVALCANTE, 2011, p. 9, grifos nossos)

Em Cavalcante (2011), percebemos que foi seguida a mesma linha de raciocínio de Hanks (2008), para quem há textos que podem falhar em ter uma unidade temática, estilística ou outros tipos de unidade, mas nem isso os impede de ser um texto. Para o autor, as propriedades formais e funcionais de signos complexos também auxiliam no estabelecimento da textualidade e da sua coerência. Vejamos o exemplo a seguir:

Advertências portuguesas – ESPANTOSO. . .

Num secador de cabelos:

“NAO USE QUANDO ESTIVER DORMINDO”

(Sei lá, você pode querer ganhar tempo. . .)

Na embalagem do sabonete antisséptico Dial:

“INDICAÇÕES: UTILIZAR COMO SABONETE NORMAL”

(Boa! Cabe a cada um imaginar pra que serve um sabonete anormal)

Em alguns pacotes de refeições congeladas Swan:

“SUGESTÃO DE APRESENTAÇÃO: DESCONGELAR PRIMEIRO”

(É só sugestão, tá ok? De repente o pessoal pode estar a fim de chupá-las como picolé.)

Numa touca para a ducha:

“VÁLIDO PARA UMA CABEÇA”

(Alguém muito romântico poderia colocar a sua e a da amada na mesma touca.)

Na sobremesa Tiramisú da marca Tesco, impresso no lado de baixo da caixa:

“NÃO INVERTER A EMBALAGEM”

(Ops! Já era. . . Inverteu!)

No pudim da Marks & Spencer:

“ATENÇÃO: O PUDIM ESTARÁ QUENTE DEPOIS DE AQUECIDO”
(Brilhante!)

Na embalagem do ferro de passar Rowenta de fabricação alemã:

“NÃO ENGOMAR A ROUPA SOBRE O CORPO”

(Gostaria de conhecer a infeliz criatura que não deu ouvidos a este aviso.)

No exemplo acima, vemos pequenos conjuntos aparentemente soltos de citações findadas com enunciados de outra voz que comenta sobre os conteúdos mencionados. Não fossem o título e o site de humor de onde o texto foi extraído, de que decorrem as expectativas do internauta, os blocos de frases pareceriam desconexos, não coesos, haja vista que eles misturam diversificadas temáticas, o que poderia parecer descontinuidade tópica. Mas é o tópico geral que o título encapsula que une coerentemente os conteúdos num mesmo propósito de estabelecer humor. Esses aspectos, juntos, relacionam também os referentes e promovem a coesão referencial, pela ligação pragmático-discursiva entre as expressões referenciais e os conhecimentos de mundo convocados pelo cotexto.

O sentido do texto se dá a partir de uma série de fatores que devem ser levados em conta para que tenhamos a coerência/coesão textual, dentre eles as características estruturais de um gênero, os discursos que se entrecruzam no texto, o entorno social da época e os propósitos comunicativos.

Defendemos que a coerência e a coesão estão, dessa forma, unidas, em qualquer texto, concepção que, de alguma forma, já vínhamos sustentando em Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p. 12-13):

[. . .] coesão e coerência não podem ser vistas de forma totalmente estanques, visto que, na construção de ambas, operam processos de ordem cognitiva, de tal modo que se deveria pensar em contínuo: haveria alguns fenômenos mais típicos da coesão (por exemplo, as anáforas diretas correferenciais), e outros mais típicos de coerência (detecção da presença da intertextualidade, construção da macroestrutura global do texto), caminhando-se de um polo a outro do contínuo conforme a complexidade das inferências como a *referen-*

ciarão, a interpretação de enunciados justapostos sem presença de articuladores, haveria uma imbricação necessária entre coesão e coerência, pois estaria em jogo um “cálculo de sentido”.

Passemos a um exemplo retirado da internet de uma lista de compras de um supermercado do Paraná:

LISTA DE COMPRAS SUPERMERCADO UNIÃO

MERCEARIA			HORTIFRUTI		
<input type="checkbox"/> AÇÚCAR	<input type="checkbox"/> PUDIM	<input type="checkbox"/> TEMPERO	<input type="checkbox"/> BATATA	<input type="checkbox"/> MAMÃO	<input type="checkbox"/> REPOLHO
<input type="checkbox"/> FARINHA DE TRIGO	<input type="checkbox"/> GELATINA	<input type="checkbox"/> MAIONESE	<input type="checkbox"/> TOMATE	<input type="checkbox"/> MAÇÃ	<input type="checkbox"/> CENOURA
<input type="checkbox"/> ARROZ	<input type="checkbox"/> MISTURA P/BOLDO	<input type="checkbox"/> CATCHUP	<input type="checkbox"/> CEBOLA	<input type="checkbox"/> TEMPERO VERDE	<input type="checkbox"/> BETERRABA
<input type="checkbox"/> FEIJÃO	<input type="checkbox"/> CEREAL	<input type="checkbox"/> ERVILHA	<input type="checkbox"/> ALHO	<input type="checkbox"/> ALFACE	<input type="checkbox"/> MANGA
<input type="checkbox"/> FUBÃ	<input type="checkbox"/> ADOÇANTE	<input type="checkbox"/> MILHO VERDE	<input type="checkbox"/> LARANJA	<input type="checkbox"/> BANANA	<input type="checkbox"/> LIMÃO
<input type="checkbox"/> SAL	<input type="checkbox"/> FERMENTO	<input type="checkbox"/> PEPINO	PADARIA		
<input type="checkbox"/> PIPOCA	<input type="checkbox"/> POLVILHO	<input type="checkbox"/> PALMITO	<input type="checkbox"/> PÃO FRANCÊS	<input type="checkbox"/> PÃO FATIADO	<input type="checkbox"/> CUCURBITA
<input type="checkbox"/> QUEIJO RALADO	<input type="checkbox"/> LEITE CONDENSADO	<input type="checkbox"/> AZEITE DE OLIVA	<input type="checkbox"/> PÃO DE X	<input type="checkbox"/> PÃO CASEIRO	<input type="checkbox"/> SONHO
<input type="checkbox"/> MASSA	<input type="checkbox"/> CREME LEITE	<input type="checkbox"/> AZEITONA	<input type="checkbox"/> PÃO CHAORRO QUENTE	<input type="checkbox"/> PÃO INTEGRAL	<input type="checkbox"/> PÃO DE QUEIJO
<input type="checkbox"/> BISCOITO	<input type="checkbox"/> ERVA MATE	<input type="checkbox"/> MOSTARDA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> BALAS	<input type="checkbox"/> MAIZENA	<input type="checkbox"/> DOCE DE FRUTAS	BEBIDAS		
<input type="checkbox"/> CHOCOLATES	<input type="checkbox"/> CAFÉ	<input type="checkbox"/> PÊSSEGO LATA	<input type="checkbox"/> CERVEJA	<input type="checkbox"/> SUCO	<input type="checkbox"/> VODKA
<input type="checkbox"/> SALGADINHOS	<input type="checkbox"/> CHÁ	<input type="checkbox"/> ABACAXI LATA	<input type="checkbox"/> REFRIGERANTE	<input type="checkbox"/> PÓ P/REFRESCO	<input type="checkbox"/> AGUARDENTE
<input type="checkbox"/> SOPAS E CALDOS	<input type="checkbox"/> ÓLEO	<input type="checkbox"/> ATUMSARDINHA	<input type="checkbox"/> ÁGUA MINERAL	<input type="checkbox"/> VINHO	<input type="checkbox"/> WHISKY
<input type="checkbox"/> ACHOCOLATADO	<input type="checkbox"/> EXTRATO DE TOMATE	<input type="checkbox"/> OVOS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> LEITE EM PÓ	<input type="checkbox"/> VINAGRE	<input type="checkbox"/> FAROFA DE MANDIOCA	MATERIAL DE LIMPEZA		
AÇOUQUE			<input type="checkbox"/> DETERGENTE PÓ	<input type="checkbox"/> ALCOOL	<input type="checkbox"/> DESODORIZADOR
<input type="checkbox"/> COSTELA BOVINA	<input type="checkbox"/> LINGUIÇA	<input type="checkbox"/> FRANGO PASSARINHO	<input type="checkbox"/> AMACIANTE	<input type="checkbox"/> LUSTRA MÓVEIS	<input type="checkbox"/> GRAXA SAPATO
<input type="checkbox"/> CARNE MOÍDA	<input type="checkbox"/> CORAÇÃO	<input type="checkbox"/> MOELA	<input type="checkbox"/> ÁGUA SANTÁRIA	<input type="checkbox"/> LIMPA VIDROS	<input type="checkbox"/> SAPÓLIO
<input type="checkbox"/> BIFE	<input type="checkbox"/> CARRÉ	<input type="checkbox"/> MEIO DA ASA	<input type="checkbox"/> SABÃO EM BARRA	<input type="checkbox"/> CERA	<input type="checkbox"/> VASSOURA
<input type="checkbox"/> PICANHA	<input type="checkbox"/> BACON	<input type="checkbox"/> COXINHA DA ASA	<input type="checkbox"/> ESFREGÃO DE AÇO	<input type="checkbox"/> DESINFETANTE	<input type="checkbox"/> SACO DE LIXO
<input type="checkbox"/> FILÉ	<input type="checkbox"/> CARNE DE OVELHA	<input type="checkbox"/> FIGADO	<input type="checkbox"/> ESPONJA	<input type="checkbox"/> DETERGENTE LÍQ.	<input type="checkbox"/> PANO LIMPEZA
<input type="checkbox"/> ALCATRA	<input type="checkbox"/> FRANGO	<input type="checkbox"/> PEITO DE FRANGO	HIGIENE/PERFUMARIA		
<input type="checkbox"/> CARNE SUÍNA	<input type="checkbox"/> COXA SOBRECOXA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> CREME DENTAL	<input type="checkbox"/> FRALDA	<input type="checkbox"/> ACETONA
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> FIO DENTAL	<input type="checkbox"/> ABSORVENTE	<input type="checkbox"/> APAR. BARBEAR
FIAMBREIRA			<input type="checkbox"/> ESCOVA DENTAL	<input type="checkbox"/> SHAMPOO	<input type="checkbox"/> ALGOÓLIO
<input type="checkbox"/> HAMBURGER	<input type="checkbox"/> REQUEIJÃO	<input type="checkbox"/> MASSA FRESCA	<input type="checkbox"/> DESODORANTE BAMB. AB. BAMB.	<input type="checkbox"/> CONDICIONADOR	<input type="checkbox"/> PRESERVATIVO
<input type="checkbox"/> ALMÔNDEGA	<input type="checkbox"/> SALSICHA	<input type="checkbox"/> PIZZA	<input type="checkbox"/> PAPEL HIGIÊNICO	<input type="checkbox"/> CREME DE BARBEAR	<input type="checkbox"/> SABONETE
<input type="checkbox"/> MINICHICKEN	<input type="checkbox"/> LEITE	<input type="checkbox"/> MORTADELA	DIVERSOS		
<input type="checkbox"/> EMPANADOS	<input type="checkbox"/> IOGURTE	<input type="checkbox"/> PRESUNTO	<input type="checkbox"/> FILME FOTOGRAFICO	<input type="checkbox"/> TOALHA DE PAPEL	<input type="checkbox"/> FÓSFORO
<input type="checkbox"/> PRATOS PRONTOS	<input type="checkbox"/> MANTEIGA	<input type="checkbox"/> APRESUNTADO	<input type="checkbox"/> PILHA	<input type="checkbox"/> COPO DESCARTAVEL	<input type="checkbox"/> FILTRO PICAFÉ
<input type="checkbox"/> MASSAS	<input type="checkbox"/> MARGARINA	<input type="checkbox"/> SALAME	<input type="checkbox"/> LÂMPADA	<input type="checkbox"/> CARVÃO	<input type="checkbox"/> LUMAS DE BORRACHA
<input type="checkbox"/> SORVETES	<input type="checkbox"/> PATÊ	<input type="checkbox"/> COPA	<input type="checkbox"/> PALITO DENTAL	<input type="checkbox"/> GUARDANAPO	<input type="checkbox"/> BALDE
<input type="checkbox"/> QUEIJO	<input type="checkbox"/> MASSA PARA PASTEL	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> RAÇÃO FIAMINHAIS	<input type="checkbox"/> VELA	<input type="checkbox"/> BACIA
PEIXARIA			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> FILÉ DE MERLUZA	<input type="checkbox"/> CAMARÃO	<input type="checkbox"/> SALMÃO	UNIÃO O SUPERMERCADO DO CORAÇÃO		
<input type="checkbox"/> FILÉ DE CAÇÃO	<input type="checkbox"/> FILÉ LINGUADO	<input type="checkbox"/> BACALHAU	Rua Constantino F. da Silva Pinto, 320 - Fone: (46) 3263-1513 - CEP 85555-000 - Palmas - Paraná		
<input type="checkbox"/> FILÉ DE TILÁPIA	<input type="checkbox"/> PEIXE INTEIRO	<input type="checkbox"/>			

Figura 1: Lista de compras de supermercado

Disponível em: <<http://www.quebarato.com.br/propaganda>>.

Como podemos perceber, o texto acima pertence ao gênero do discurso lista de compras que encontramos na maioria dos supermercados ou até mesmo na internet e, em último caso, nós mesmos podemos fazê-la antes de irmos para um supermercado ou para outro ambiente comercial em que tenhamos muitos produtos a comprar.

Quando estamos realizando as compras ou até mesmo quando estamos em casa ainda, executando o planejamento das compras, informações são reunidas obedecendo a uma ordenação categorial claramente manifesta nas expressões referenciais (mercearia, açougue, hortifrúti, padaria, bebidas, material de limpeza, higiene/perfumaria, peixaria e diversos). Interessante observar é que a ordenação desses referentes, todos associados coesivamente por anáforas indiretas, dá-se se levando em conta que os produtos que comporão a categoria serão encontrados, no supermercado, em um só lugar. Por isso é que há uma motivação para a formação de uma categoria “peixaria”, por exemplo, pois nela encontraríamos os produtos relacionados aos peixes vendidos no supermercado e não aos produtos de limpeza, por exemplo.

A lista de compras anteriormente apresentada evidencia bem que o fenômeno da coesão não pode ser avaliado apenas pelos elos coesivos sequenciais que deveriam vir na superfície textual. Se assim o fosse, o texto provavelmente seria tratado como “coerente, mas não coeso”. Para nós, essa possibilidade não existe: se dizemos que há coerência, de alguma maneira os elementos textuais estão coesos, porque articulados por relações semântico-pragmático-discursivas. A coesão se manifesta de maneira implícita, pois as palavras ao longo do texto estão ordenadas, levando-se em consideração a estrutura do gênero e a estruturação dele em categorias – que se organizam do maior grupo (palavra mais prototípica que melhor represente o restante do grupo, como “material de limpeza”, por exemplo) para o menor grupo (palavras que se inserem dentro da palavra mais representativa da categoria, como “canetas”, “lápiz” e “borracha” e que provavelmente podem se enquadrar na categoria “material escolar”, por exemplo). Todos esses indícios formais levam à construção de referentes associados e asseguram a coesão referencial do texto.

O que queremos dizer é que a coesão não pode ser vista apenas como um fenômeno que ocorre somente com elos sequenciais, que costumam ser aceitos como marcas linguísticas explícitas, pois, além de poderem existir outras evidências explícitas, há marcas de fenômenos referenciais.

Podemos dizer que a concepção de coerência/coesão faz emergir a necessidade de analisarmos outros fatores que, antes, ficavam em segundo plano e, em algumas análises, não eram explorados.

Não podemos negar que os avanços dos estudos acerca da coerência e da coesão também floresceram nos trabalhos de Charolles (1978), com suas “metarregras” (a progressão, a repetição, a não contradição e a relação) e, posteriormente, nos de Costa

Val (2006), que fez uma adaptação ao modelo de Charolles (1978), apresentando como fatores a continuidade, a progressão, a não contradição e a articulação. Em ambos os trabalhos, o cerne da questão é tomar a coerência como *um princípio de interpretação do discurso* e das ações humanas em geral. Para ambas as perspectivas, a coerência é vista como uma atividade interpretativa e não como uma propriedade imanente ao texto. Contudo, os critérios propostos pelos autores, de certa forma, não deixam de tomar a coesão somente na acepção de emprego de elos coesivos.

Apesar disso, consideramos que a coerência/coesão se dá tomando-se como base também os fatores propostos por Beaugrande e Dressler (1981), Charolles (1978), Koch e Travaglia (2008) e Costa Val (2006), além de diversos fatores sociocognitivos, que ativam conhecimentos compartilhados (GARANTIZADO JÚNIOR, 2011). Contudo, deve-se dizer que não estamos defendendo que o fenômeno da coerência/coesão se dá a partir da união de todas essas perspectivas em um só momento ou que a falta de um desses fatores possa propiciar a falta de coerência/coesão, pois ver o fenômeno dessa forma, para nós, seria fazer uma junção de perspectivas teóricas com objetivos e propósitos diferentes. Na verdade, o que queremos demonstrar é que o fenômeno é muito mais complexo e não se limita somente aos mecanismos de coesão (tradicionalmente chamados na literatura especializada de elos coesivos).

É inegável que, para que um texto tenha sentido, devemos saber *a situação* em que ele foi produzido, *quem o fez e para quem* o fez, com *qual intenção* o produtor o fez e *como o leitor o recebeu*, assim como quais as *informações* que o texto possui. Dessa maneira, a contribuição de Beaugrande e Dressler (1981) foi sobremaneira importante, mas todos esses fatores propostos por eles precisam hoje ser redefinidos à luz de uma perspectiva sociocognitivo-discursiva das estratégias de textualização.

Conforme já líamos em Koch (2006, 2009a, 2009c), as estratégias textualizadoras recorrem necessariamente a diversos contextos. Tais estratégias podem ser de natureza *cognitiva*, que favorecem a produção e a compreensão textual; *interacional*, que facilitam a ativação do conhecimento de variados enquadres comunicativos e de como proceder diante deles; e *textual*, que concernem à organização e formulação de conteúdos, como inserção, reformulação, balanceamentos de informações novas, dadas e inferíveis.

Por isso, consideramos como fatores que propiciam a coerência/coesão não somente os que foram seminalmente definidos por Beaugrande e Dressler (1981), redimensionados nesta pesquisa, e por Charolles (1978), mas também os diferentes

tipos de conhecimento, os fatores de contextualização (KOCH; TRAVAGLIA, 2008), as inferências que os relacionam, os processos referenciais, o tópico discursivo (JUBRAN et al., 2006; ALENCAR, 2009) e ainda certas normas de natureza textual-discursiva (CUSTÓDIO FILHO, 2007).

Conclusão

Apresentamos, neste trabalho, outra maneira de se conceber a coerência e a coesão, tomando como base Cavalcante (2011) e Garantizado Júnior (2011), que as veem como fenômenos inseparáveis (coesão/coerência), constituídos por uma série de fatores de ordem linguística, cognitiva, sociointeracional, pragmática, sociocultural e discursiva.

Mostramos que a coesão textual não depende exclusivamente de propriedades inerentes à organização dos elementos explícitos no cotexto, mas, sim, de um contexto sociocultural mais amplo, o que inclui uma série de atividades interpretativas dos coenunciadores.

Desta forma, os conceitos de coerência e de coesão textual são tidos como sendo um só fenômeno, coerência/coesão, capaz de propiciar o sentido de um texto para quem o reconstrói. Defendemos, assim, que os sentidos não vêm prontos, pré-formulados por quem fala/escreve, mas são construídos também pelo ouvinte/leitor a partir de suas experiências socioculturais. A coerência/coesão supõe o estabelecimento de uma relação, tanto semântica como pragmático-discursiva, entre os elementos de uma sequência, o que propicia a criação de uma unidade de sentido que nunca se apresenta de todo explícita para o coenunciador, pois, na realidade, é construída por este no processo de interação dele com o texto e com os discursos e suas condições de produção.

Referências

- ALENCAR, E. N. de. *O tópico discursivo nas dissertações de alunos do ensino médio*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- BEAUGRANDE, R.-A.; DRESSLER, W. U. *Introduction to text linguistics*. London and New York: Longman, 1981.

- CAVALCANTE, M. M. *Referenciação*: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. Tradução Paulo Otoni. In: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (Org.). *O texto: escrita e leitura*. Campinas: Pontes, 1978, p. 39-85.
- COSTA VAL, M. da G. *Redação e textualidade*. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CUSTÓDIO FILHO, V. *Expressões referenciais em textos escolares: a questão da (in) adequação*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- _____. Expressões referenciais, norma linguística e julgamento de (in) adequação. In: CAVALCANTE, M. M.; COSTA, M. H. A.; JAGUARIBE, V. F.; CUSTÓDIO FILHO, V. (Org.). *Texto e discurso sob múltiplos olhares*. V. 2: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 144-176.
- FONSECA, F. I. *Dêixis, tempo e narração*. Porto: Fundação Engenheiro Antônio de Almeida, 1992.
- GARANTIZADO JÚNIOR, *Preliminares para a definição da coerência/coesão*. 2011. Dissertação (mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), Universidade Federal do Ceará, 2011.
- HALLIDAY, M.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- _____. 1984. 'Linguistics in the University: the Question of Social Accountability.' James E. Copeland (ed.) *New Directions in Linguistics and Semiotics*. Houston, Texas: Rice University, 1984, pp.51-67
- _____; HANSAN. *Language: Context and Text*. Burwood, Vic: Deaken University, 1985.
- HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. Organização e apresentação de Anna Christina Bentes; Renato C. Rezende; Marco Antônio Rosa Machado. Tradução de Anna Christina Bentes; Marco Antônio Rosa Machado; Marcos Rogério Cintra; Renato C. Rezende. Revisão técnica de Anna Christina Bentes; Maurizio Gnerre. São Paulo: Cortez, 2008.
- JUBRAN, C. C. A. S. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp, 2006a.
- _____. JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil* – construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006b.
- JURA em prosa e verso: Humor do povo brasileiro, coisas de portugueses. Disponível em: <http://www.juraemprosaeverso.com.br/HumorDoPovoBrasileiro/Coisasdosportugueses.htm>>. Acesso em: 21 julho de 2012.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. *A coerência textual*. 3ª. ed. São Paulo: Contexto, 2009a.

_____. I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 9ª. ed. São Paulo: Contexto, 2009b.

_____. *A coesão textual*. 21ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2009c.

_____. BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. *Processos de referenciação na produção discursiva*. Revista DELTA, São Paulo, v. 14, 1998.

_____, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. 12ª. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português*. 1998. /Conferência apresentada no Colóquio Internacional de Língua Portuguesa, Berlim, 1998.

recebido em 28 jun. 2013 / aprovado em 10 out. 2013

Para referenciar este texto:

GARANTIZADO JÚNIOR, J. O. S.; CAVALCANTE, M. M. Para além da coesão textual apenas como elos coesivos. *Dialogia*, São Paulo, n. 19, p. 147-162, jan./jun. 2014.